

RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO DE MULHERES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

WOMEN'S WORK AND GENDER RELATIONS IN SOLIDARITY ENTERPRISES
IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC

Isabela Bruno de Souza

Bacharel em Relações Econômicas Internacionais pela
Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade
Federal de Minas Gerais (Face/UFMG)
E-mail: isabela_wm@hotmail.com

Sibelle Cornélio Diniz

Doutora em Economia pelo Cedeplar (Face/UFMG) e professora do
Departamento de Ciências Econômicas da UFMG
E-mail: sibelled@cedeplar.ufmg.br
 orcid.org/0000-0002-3183-3588

Bruno Siqueira Fernandes

Bacharel em Ciências Econômicas pela Face/UFMG, mestre em
Geografia pelo Instituto de Geociências da UFMG e doutorando
em Geografia pela mesma instituição com período sanduíche na
Universidade de Toronto (2023-2024)
E-mail: brunosiqfer@gmail.com
 orcid.org/0000-0002-5614-4834

Recebido em: 23 de outubro de 2023

Aceito em: 21 de novembro de 2023

RESUMO

Este artigo buscou investigar as condições de trabalho e as relações familiares das mulheres envolvidas na economia solidária durante a pandemia de COVID-19. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a sete produtoras residentes em Belo Horizonte, Minas Gerais. Os resultados permitem sustentar a hipótese de que essas mulheres tiveram suas relações familiares e de trabalho significativamente alteradas durante o período de distanciamento social, com redução de sua renda e sobrecarga de tarefas domésticas e de cuidado. Apesar da percepção acerca dos avanços das relações de gênero dentro do movimento da economia solidária, tal consciência não necessariamente altera as relações dentro dos lares, o que se tornou ainda mais evidente durante o distanciamento social.

Palavras-chave: Mulheres; Economia Solidária; Pandemia; Distanciamento social; Relações de gênero.

ABSTRACT

This article sought to investigate the working conditions and family relationships of women involved in the solidarity economy during the COVID-19 pandemic. Semi-structured interviews were carried out with seven producers living in Belo Horizonte, Minas Gerais. The results allow us to raise the hypothesis that these women had their family and work relationships significantly changed during the period of social distancing, with a reduction in their income and an overload of domestic and care tasks. Despite the perception of advances in gender relations within the solidarity economy movement, such awareness does not necessarily change relationships within homes, which became even more evident during social distancing.

Keywords: Women; Solidarity economy; Pandemic; Social distancing; Gender relations.

Classificação JEL: Z1

INTRODUÇÃO

Vivemos uma crise da sociedade como um todo, e a base dessa crise está no capitalismo (ARRUZZA *et al*, 2019). A acumulação de lucros de uma pequena minoria, proporcionada pela dinâmica do sistema capitalista, se apoia, em grande medida, sobre a opressão de gênero. O trabalho de reprodução realizado pelas mulheres é desvalorizado e invisibilizado, ao mesmo tempo em que a exploração desse trabalho não remunerado de cuidado proporciona as condições para a reprodução do sistema. Esse contexto não se alterou significativamente, como esperavam alguns, com a inserção feminina no mercado de trabalho. Ao contrário, a mulher passou a acumular jornadas, o que aprofundou ainda mais a violência originada na divisão sexual do trabalho (FEDERICI, 2019).

No contexto da pandemia de COVID-19, as desigualdades de

gênero tendem a se acentuar. A quarentena revelou-se discriminatória para alguns grupos sociais, em especial, as mulheres. Isso porque a presença de crianças e outros familiares que demandam trabalho de cuidado, bem como o aumento dos afazeres domésticos, tendem a sobrecarregar as mulheres (SANTOS, 2020).

Como alternativa de valorização do trabalho da mulher, a Economia Solidária - ES - aparece como um espaço de resistência fundamentado na solidariedade, igualdade e cooperação. A ES se mostra uma alternativa para os excluídos do mercado de trabalho formal, o que pode permitir uma transformação do papel das mulheres na sociedade, através do trabalho coletivo (SIMON & BOEIRA, 2017). De acordo com Guérin (2003), as mulheres são as primeiras atrizes na economia solidária, e esse espaço fornece uma oportunidade para que elas avancem na luta contra as desigualdades de gênero.

Este trabalho identifica e analisa as alterações nas relações de trabalho e de gênero das mulheres envolvidas em empreendimentos econômicos solidários durante a pandemia de Covid-19, especialmente com relação às condições de trabalho, incluindo o doméstico. A pesquisa baseia-se na hipótese, levantada na literatura, de que as mulheres tiveram suas relações de trabalho e gênero alteradas durante o período de distanciamento social. Investiga-se se essa hipótese permanece válida para o subgrupo de mulheres ligadas ao movimento da economia solidária. Para tanto, foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas com mulheres integrantes de empreendimentos solidários com sede no município de Belo Horizonte.¹

O artigo se estrutura em três seções, além desta introdução. A primeira trata do papel assumido pelo trabalho de reprodução e cuidado no capitalismo e da dinâmica relacionada à sua invisibilização. A seção seguinte discute como a economia solidária pode permitir traçar um caminho para o processo de emancipação das mulheres. A última seção apresenta as estratégias metodológicas e os resultados da análise das entrevistas, levando às considerações finais.

1 A pesquisa que originou este artigo foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, via Plataforma Brasil, como parte do projeto "Covid-19 e a economia popular solidária: construindo soluções em tempos de pandemia", e foi aprovada sob o número CAAE 35274620.2.0000.5149.

I. A INVISIBILIZAÇÃO DO TRABALHO DE REPRODUÇÃO E CUIDADO E A INSERÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

A presença feminina no mercado de trabalho tem se ampliado ao longo das décadas, entretanto, essa inserção ocorreu em condições desiguais. A divisão sexual do trabalho no sistema capitalista coloca as mulheres em um papel de responsabilidade doméstica e de reprodução (PESSOA et al., 2008). A principal característica dessa divisão é a designação dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva. São dois os princípios organizadores dessa divisão: “o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher)” (HIRATA & KERGOAT, 2007, p. 599).

Para Saffioti (1976), o movimento feminista pequeno-burguês, que nasce com o movimento sufragista no final do século XX, conquistou igualdade parcial entre homens e mulheres no que concerne a direitos e oportunidades no mercado de trabalho. Apesar de progressista, o movimento se limitou a tentar reverter a desigualdade de gênero a partir da progressiva entrada das mulheres no mercado de trabalho. Como argumenta a autora, aumentar a empregabilidade da força de trabalho feminina não necessariamente trouxe igualdade entre os sexos ou diminuiu as diferenças produzidas dentro do sistema de produção capitalista. Seria preciso transformar a maneira como a sociedade encara o trabalho da mulher de modo geral.

Para Carrasco (2003), para além da esfera produtiva, devemos olhar para as relações de cuidado como parte essencial das necessidades humanas. Nessa dimensão mais subjetiva, incluem-se as necessidades de afeto, segurança psicológica, laços humanos, entre outras formas de cuidado que garantem a reprodução da vida humana. O fato do capitalismo colocar a esfera mercantil como elemento privilegiado das práticas econômicas acaba por invisibilizar o papel desempenhado pelas mulheres nesses tipos de trabalho, que se desenvolvem particularmente na esfera do lar. Segundo a autora, há uma “cultura masculina do trabalho” que acaba por invisibilizar as conexões e as interdependências que são estabelecidas entre a esfera reprodutiva do lar e a da produção (*Ibid*).

Essa invisibilidade, argumenta Carrasco (2003), é resultante de dois problemas que atravessam nossa sociedade: de um lado, seu caráter ideológico patriarcal e, de outro, a omissão da relação entre trabalho de cuidado e a reprodução da força de trabalho. Sobre o primeiro, a autora argumenta que a ciência e a cultura refletem ideologicamente o poder de dominação masculino, ocultando as atividades desenvolvidas pelas mulheres e reservando a esfera pública para a circulação dos resultados e das conquistas masculinas, que, por essa razão, acabam obtendo maior valor social. Quanto ao segundo ponto, Carrasco (2003) afirma que a manutenção da separação entre a esfera pública e a esfera do lar cumpre papel fundamental na transferência dos custos da reprodução da força de trabalho para as mulheres, e, concomitantemente, inviabiliza e desvaloriza esse trabalho.

Nas últimas décadas, esse modelo tradicional dá sinais de afrouxamento, na medida em que mais mulheres são integradas ao mercado de trabalho. Entretanto, as tarefas de gestão do lar continuam sendo majoritariamente desempenhadas por mulheres, que passam a acumular o trabalho dentro e fora do lar. A conciliação entre esses dois trabalhos sobrecarrega as mulheres, uma vez que elas estão inseridas em um mundo construído para os homens. Caso a mulher imitasse a rotina de participação dos homens no mercado de trabalho, isso significaria a falta de quem se dedique ao cuidado e à reprodução da vida humana. Carrasco (2003) denomina esse papel duplo assumido pelas mulheres como uma “dupla presença/ausência”: as mulheres se encontram ao mesmo tempo nas duas esferas, mas não se encontram totalmente imersas em nenhuma das duas.

Nesse sentido, o trabalho fora de casa, apesar de trazer certa autonomia financeira às mulheres, praticamente não muda a divisão sexual do trabalho. Para Federici (2019), além de se tornar esperado que as mulheres tenham um trabalho assalariado, elas devem continuar com os afazeres domésticos, cuidar das crianças e, ao final do dia, serem sexualmente produtivas. A desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres contribui para esse cenário prejudicial às mulheres.

Logo, como afirma Federici (2019), o trabalho assalariado, apesar de importante, não é necessariamente o caminho para a libertação das

mulheres. Segundo a autora, é necessário o surgimento de novas formas de cooperação, que, para ela, já estariam emergindo, através da criação de outras formas de troca para além daquelas mediadas pelo capital, redes de intercâmbio e ajuda mútua. Isso geraria uma nova economia, capaz de converter o trabalho reprodutivo em um trabalho mais libertador e criativo.

II. ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO CAMINHO DE EMANCIPAÇÃO PARA AS MULHERES

Em 2019, 2556 empreendimentos compunham o Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicas Solidários (CADSOL) em Minas Gerais, totalizando 72.122 sócios, 53% deles mulheres e 47%, homens (CLEPS, MARQUES & VASCONCELOS, 2020). Ou seja, as mulheres são maioria nessas iniciativas, o que levanta um debate sobre a convergência entre os estudos feministas e a economia solidária, entendendo esta forma de economia como um possível caminho de emancipação feminina (HILLENKAMP, GUÉRIN & VERSCHUUR, 2014).

Para Isabelle Guérin (2005), as mulheres são as primeiras atrizes nas práticas da Economia Solidária, que fornecem às mulheres a oportunidade de avançar na luta contra as desigualdades de gênero, quando reconhecidas. Considerando as dificuldades que as mulheres enfrentam ao conciliar a vida familiar e profissional, com o aumento crescente de responsabilidades materiais, junto à dificuldade de acesso ao crédito, as mulheres são muitas vezes as primeiras a se mobilizar e a se auto-organizar. Logo, as iniciativas de economia solidária tornam-se essenciais, por desempenharem um papel de justiça, de proximidade e constituírem espaços de discussão e reflexão coletiva. Além disso, elas contribuem para uma redefinição da articulação entre família, mercado, autoridades públicas e sociedade civil, e revalorizam as práticas de reciprocidade. Esses dois pontos, quando unidos, podem também possibilitar a luta contra desigualdades intrafamiliares, ao passo que permitem que tanto mulheres quanto homens conciliem melhor a vida familiar e a profissional.

Uma pesquisa realizada por Cherfem (2017) junto à Rede de Mulheres Produtoras do Recife e Região Metropolitana buscou caracterizar

a presença feminina na economia solidária e suas motivações. A Rede foi criada em 1996 com o intuito de dar visibilidade ao trabalho de mulheres participantes de diferentes organizações de economia solidária e de fortalecer a solidariedade entre elas. A pesquisa concluiu que são diferentes os motivos que reúnem as mulheres nesse tipo de prática. Em primeiro lugar, a necessidade de geração de renda. Essas mulheres buscam a Rede por não encontrarem espaço no mercado de trabalho formal devido à não valorização de suas qualificações, ou por sua idade. Em segundo lugar, é identificada uma motivação política por parte dessas mulheres, relacionada à luta contra as desigualdades, ou seja, além da busca de geração de renda de forma coletiva, elas também formam essas associações com o intuito de lutarem pelos seus direitos e pelas demandas de suas comunidades. Em terceiro lugar, observa-se a inserção das mulheres nesses espaços com o intuito de se unirem a outras mulheres para lidar com a depressão e o estresse diário causado pelo trabalho reprodutivo (CHERFEM, 2017).

A ES pode reverter as desigualdades relacionadas aos direitos das mulheres ao possibilitar que elas sejam proprietárias dos meios de produção em condições de igualdade com os homens, visto que, nessas práticas, prevalecem a propriedade coletiva e a autogestão. Além disso, ao contrário do que se observa na economia capitalista, onde as mulheres no mercado de trabalho têm remuneração consideravelmente menor que a dos homens, na ES o excedente tende a ser redistribuído entre os envolvidos nas iniciativas de forma democrática e independente do sexo (CULTI, 2004 *apud* SIMON & BOEIRA, 2017).

A ES surge, ainda, como uma possibilidade de romper, ainda que de maneira local, a divisão sexual do trabalho, que privilegia a presença dos homens no espaço público, enquanto o trabalho reprodutivo é feito pelas mulheres na esfera privada (NOBRE, 2014 *apud* SIMON & BOEIRA, 2017). Isso porque a ES possibilita a criação de espaços intermediários entre a vida privada e a pública, entre os trabalhos remunerados e não remunerados, permitindo superar esses entraves a partir de discussões, reflexões e reivindicações coletivas (SANTOS, 2010 *apud* SIMON & BOEIRA, 2017). A ES possui entre seus princípios a preocupação com a igualdade, reciprocidade, conscientização política e formação dos envolvidos em direção a uma nova forma de exercício da cidadania. Sendo assim, as

discussões internas ao movimento podem proporcionar às mulheres maior acesso à informação, recursos, participação social, consciência individual e confiança, formando um espaço propício para a atuação das mulheres no processo de transformação da ordem econômica e patriarcal vigente (SIMON & BOEIRA, 2017). Nobre e Freitas elucidam bem essa questão:

Um grande número de experiências de Economia solidária é animado por mulheres ou destinado a elas. As mulheres avaliam sua participação, não apenas do ponto de vista da remuneração econômica, mas valorizam também o aprendizado, a convivência e a possibilidade de tratar temas como a violência doméstica e a saúde reprodutiva. Reconhece-se que as mulheres participantes se sentem mais fortes e com a autoestima reforçada, por seu conhecimento e sua capacidade de inovar a partir de pouco. Sua participação cidadã é ampliada e elas afirmam o seu direito a ter direitos. Não só a Economia solidária cria uma justiça de proximidade, pela qual o acesso a direitos se concretiza no cotidiano de suas comunidades, como as mulheres irrompem em espaços nacionais, por meio da demanda por políticas públicas, e internacionais, pela participação em movimentos e articulações (Nobre e Freitas, 2012, p. 400 *apud* Paiva, 2017, p. 194).

Nesse sentido, as práticas da Economia Solidária podem servir como caminho para a emancipação feminina, uma vez que valorizam aspectos para além do econômico, favorecendo as mulheres, que muitas vezes se inserem em atividades não monetárias e não mercantis (SIMON, 2020), ou que, quando se inserem no mercado de trabalho, o fazem de maneira subordinada e desigual. Entretanto, cabe ressaltar que as práticas da ES estão inseridas em uma sociedade capitalista, e por isso, não estão livres de absorver ou manter os valores hegemônicos e acumular contradições dentro das iniciativas. Dessa forma, é possível que, mesmo no âmbito da economia solidária, as estruturas familiares e da sociedade sejam reproduzidas

na vida das mulheres que dela participam. Ademais, a participação das mulheres nos empreendimentos não as isentam do trabalho doméstico e/ou de cuidado (SIMON, 2020).

III. METODOLOGIA E RESULTADOS

Este artigo buscou investigar as condições de trabalho e as relações familiares das mulheres envolvidas na economia solidária durante a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020. No Brasil, em março daquele ano, foi iniciado o distanciamento social, a fim de conter o avanço do contágio. Com a interrupção das atividades presenciais, com exceção daquelas consideradas essenciais, muitas empresas adotaram o regime de trabalho remoto e crianças e jovens passaram a ter aulas à distância. Além disso, a crise econômica decorrente da pandemia agravou o desemprego no país.²

A quarentena revelou-se discriminatória para alguns grupos sociais, em especial, as mulheres. Para além da insegurança e do medo gerados pela condição da pandemia, a presença de crianças e outros familiares em casa, bem como a maior demanda por afazeres domésticos, tendem a sobrecarregar as mulheres (SANTOS, 2020).

Uma pesquisa realizada por Lemos, Barbosa e Monzato (2020) corrobora o argumento acima. A partir de entrevistas com 14 mulheres em diferentes arranjos familiares que estavam em regime *home office* durante a pandemia, concluiu-se que houve um acúmulo de tarefas domésticas, de trabalho e de cuidado com os filhos. As mulheres casadas relataram ter pouca ou nenhuma participação dos maridos nessas atividades, o que se mostrou ainda mais grave para as mulheres com filhos.

Outro ponto relevante a ser destacado é o aumento da violência contra as mulheres durante a pandemia. O distanciamento social mostrou-se propício ao desencadeamento de conflitos, discórdias e à intensificação de sentimentos como ódio e estresse (BEZERRA *et al*, 2020). Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública apontam um crescimento de

2 A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD COVID-19) registrou, em setembro de 2020, um aumento de 33% no número de desempregados desde o início da pesquisa, em maio do mesmo ano (LEMOS, BARBOSA & MONZATO, 2020).

22,2% dos casos de feminicídio nos meses de março e abril de 2020, em comparação ao mesmo período de 2019 (BASÍLIO, 2020). Além disso, dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos relatam um aumento de 15% de denúncias de violência doméstica registradas por meio do Ligue 180 em março de 2020, em relação ao mesmo mês em 2019. Em abril de 2020, essas denúncias aumentaram 36% em relação a abril de 2019 (RODRIGUES, 2020).

3.1. SELEÇÃO DO MÉTODO E DAS PARTICIPANTES

Para atingir os objetivos deste trabalho, utilizou-se do método qualitativo, com a realização de entrevistas semiestruturadas. Através das entrevistas, é possível “*construir histórias de vida, captar experiências, valores, opiniões, aspirações e motivações dos entrevistados, escolhidos segundo os critérios e interesses do tema investigado*” (LIMA, 2016, p. 27). As entrevistas do tipo semiestruturadas foram escolhidas por permitir maior flexibilidade para o entrevistador. Nesse tipo de entrevista, segue-se um roteiro com uma ordem e um número de questões principais, mas há liberdade para o entrevistador incluir e redirecionar questões, caso necessário (LIMA, 2016).

Devido ao distanciamento social recomendado no contexto da pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas remotamente, através da plataforma Google Meet. Os encontros foram gravados, com consentimento das entrevistadas. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido ao início das entrevistas e encaminhado às mesmas por WhatsApp. O documento explicitava os objetivos da pesquisa e os direitos das entrevistadas, além de garantir o anonimato das participantes.

As entrevistas foram realizadas junto a 7 mulheres ligadas a empreendimentos vinculados ao Fórum Municipal de Economia Popular Solidária de Belo Horizonte, entre os meses de fevereiro e julho de 2021. A duração das entrevistas foi limitada a 60 minutos, a fim de evitar o desgaste das participantes. A entrevista mais curta teve duração de 20 minutos.

A seleção das mulheres entrevistadas foi realizada a partir da rede de contatos do Colmeia - grupo de estudos, pesquisa e extensão

em economia popular solidária da Face/UFMG, ao qual os autores se vinculam. Formalizado como um programa de extensão, o grupo tem como objetivo principal construir uma agenda de formações e espaços comuns dentro e fora da Universidade, a fim de compreender as práticas e os desafios da produção de base popular e solidária em Belo Horizonte e Região Metropolitana, bem como fomentar uma rede de solidariedade junto aos empreendimentos, movimentos sociais e organizações de apoio e fomento ligadas ao tema. Desde sua criação, o programa promove feiras com empreendimentos da economia popular solidária na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Foram contactadas, via WhatsApp, as mulheres participantes dessas feiras, que foram convidadas a participar da pesquisa. Sete respostas positivas foram recebidas.

Como se pode notar no Quadro 1, o grupo de mulheres entrevistadas é bastante heterogêneo com relação à idade, estado civil, escolaridade, setores de atividade e número de filhos, o que possivelmente se traduz em uma variedade de percepções sobre os temas colocados.

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas

	Idade	Estado civil	Num. filhos	Escolaridade	Sector de atividade
E1	36	Casada	1	Superior incompleto	Artesanato
E2	43	Casada	0	Pós-graduação	Higiene e limpeza
E3	61	Divorciada	2	Ensino médio completo	Artesanato
E4	69	Solteira	0	Ensino médio completo	Confecções
E5	60	Viúva	2	Superior completo	Artesanato
E6	38	Solteira	0	Superior completo	Artesanato
E7	44	Divorciada	1	Superior completo	Agroecologia e alimentação

Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas realizadas entre fevereiro e julho de 2021.

Para a análise das informações obtidas, utilizou-se o método de análise de conteúdo de Bardin (1977). Nesse método, a *análise temática* é o recurso que permite contar “um ou vários temas ou itens de significação” a partir de uma “unidade de codificação previamente determinada”. Desse modo, escolhemos, nos discursos registrados, a “frase (limitada por dois

sinais de pontuação) como unidade de codificação” (Ibid, 1977, p. 77).

O roteiro de entrevista foi dividido em três blocos, que orientam a apresentação dos resultados, na próxima seção: i) percepção das mulheres sobre o cenário da economia solidária em Belo Horizonte, bem como as relações entre homens e mulheres dentro do movimento; ii) principais impactos da pandemia sobre os empreendimentos, em termos de renda e comercialização dos produtos, e sobre as relações domésticas e familiares das mulheres no período de distanciamento social; iii) principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres nos empreendimentos solidários e dentro de casa durante o distanciamento social.

3.2. PERCEPÇÕES SOBRE O CENÁRIO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA EM BELO HORIZONTE, INCLUSIVE SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

A economia solidária é um termo que descreve práticas econômicas baseadas na autogestão e em princípios de cooperação, solidariedade e reciprocidade. A maioria das mulheres entrevistadas enxergam esses princípios nos grupos e redes nas quais se inserem. Os trechos abaixo ilustram como essas mulheres entendem a ES como um caminho para melhorar a vida das pessoas envolvidas, num sentido que vai além da geração de renda através dos empreendimentos, envolvendo um ‘aprender a ser solidário’ uns com os outros.

A economia solidária são pessoas que se preocupam uns com os outros e procuram viver melhor, né, melhorar cada vez mais a vida daquele grupo, aquele grupo é importante para melhorar a vida daquelas pessoas. (Entrevistada 3).

Acho que a economia solidária, ela vai muito além, para mim. Ela vai muito além de um comércio, de uma comercialização. A economia solidária, ela vai da empatia, ela vai de você aprender a conviver, você entender as pessoas, a você ser realmente solidária. É eu ter o que eu tenho dentro do meu ateliê, e joga

lá no grupo: gente, eu tenho isso aqui para doar, alguém está precisando? Nessa pandemia, a gente sabe que as pessoas... não teve... o comércio, não estava aberto, né, estava difícil e as pessoas, mesmo aberto, as pessoas não estavam tendo recurso para poder comprar material para poder fazer as coisas, entendeu? Então eu acho que se você tem, eu acho que não custa nada você dar um pouco do que você tem, sabe? E é isso que eu acho que é o que resume a economia solidária, ela vai além da teoria, além do que o Paul Singer escreveu nos livros dele, além do que as pessoas fazem palestras sobre economia solidária. A economia solidária, ela vem lá do seu tempo de Araxá, quando você era pequena, o meu tempo de Ibiá, quando era pequena. Que você criava um pouco, você dividia com o vizinho, que sua mãe dividia outra coisa com outro vizinho. Isso é economia solidária. (Entrevistada 5).

Outras entrevistadas apresentaram uma visão distinta e apontaram problemas dentro do movimento. Foi mencionado o fato de algumas pessoas no movimento terem “muita teoria e pouca prática”. Também foi tratada a dificuldade de algumas pessoas em receberem ajuda e estarem abertas a novidades, e a formação de “panelas” dentro do movimento, ou seja, dificuldades para que novos membros sejam incluídos nos grupos, às vezes, muito fechados.

Mas de solidário aqui... Não tem nada não.

I: É?

Nada. É, porque... eles assim, às vezes tem... todo lugar você sabe que tem umas... como é que fala assim, ah, eu vou falar o meu popular, umas “panelas”. Então assim, a gente que entrava por último, igual eu entrei na época... às vezes tinha muita feira boa e eles não avisavam. Então assim, aí eu falei gente... aí eu fiquei... eu nem participo mais desses fóruns. Mas eu fiquei assim muito... bem decepcionada com o tempo, sabe? Com o tempo a gente vai decepcionando muito

com as coisas da economia solidária. (Entrevistada 4).

Que muitas vezes o que eu acho muito difícil na economia solidária é a dificuldade que as pessoas têm de entender o conceito de economia solidária, sabe? Olha que eu estou há pouco tempo lá, tem pessoas que estão lá há anos, desde a fundação da economia solidária, e eu vejo que mesmo essas pessoas, elas têm muita teoria. Muitas delas, elas não praticam. Entendeu? Então, por isso que eu falo que acho que a gente tem que olhar para esse lado da economia solidária, que ela não é só uma comercialização, ela é uma forma diferente de economia, que é um dos conceitos da economia solidária. [...] É a troca, é o doar, é o receber, é o saber receber, o saber doar, é a empatia. É isso que é ser solidário, isso que compõe a economia solidária. (Entrevistada 5).

[...] o que eu vejo de problema com a economia solidária, é que as pessoas são muito... fechadas no mundinho delas, no sentido de não querem aprender as coisas novas. (Entrevistada 2).

Já a percepção das mulheres quanto às relações de gênero dentro do movimento, é, de modo geral, bastante positiva. Das sete entrevistadas, seis relataram boas experiências em relação a ser mulher dentro da economia solidária. Elas acreditam que as relações de gênero são de igualdade, e duas disseram, inclusive, acreditar que as mulheres são as “cabeças” do movimento, ou seja, são elas que geralmente estão no comando, na organização e tomam a frente dos assuntos mais importantes. Ainda que isso seja facilitado pelo fato de as mulheres serem a maioria nos grupos, elas enfatizam que os homens não tentam tomar a voz e que não há discriminação.

Então aí depois que eu fui, fui perceber como as coisas funcionavam, e é... acho que posso falar que é uns noventa, pelo menos uns 90%, da economia solidária são mulheres, e... as cabeças são mulheres. Mesmo quando tem homens, assim, é a mulher a dona do

empreendimento, e o marido ajuda. Então, assim, eu vejo que a maior parte é assim, são poucos os homens que são o cabeça da economia solidária, sabe? Do grupo, que criou o grupo, criou o empreendimento. São pouquíssimos, assim, a maioria é mulher mesmo. (Entrevistada 2).

Eu percebo que o número de mulheres é absurdamente maior na economia solidária, que os homens, né. E... e essas mulheres é que estão também na cabeça, sempre nas reuniões, essa.... organicidade do movimento, essas mulheres são sempre as primeiras, então está sempre discutindo, sempre... tomando a frente, né, das coisas que tem que ser feitas, né. (Entrevistada 3).

Apesar de considerar sua experiência positiva, uma dessas mulheres relatou que essa é uma questão que se alterou recentemente, ressaltando que para sua mãe, que é de outra geração, as coisas não ocorreram da mesma forma. A entrevistada contou que a mãe sofria preconceito nas feiras quando era solteira, e que as pessoas “riam” dela e de seu produto, apenas porque era feito por uma mulher. Depois de se casar, seu produto passou a ser reconhecido, mas o mérito ficava para o marido, mesmo tendo sido ela quem teve a ideia e a desenvolveu.

Eu acho que eu entrei ainda em um momento que está muito fácil, sabe, assim, a minha mãe, ela conta histórias, assim, que dá vontade de voltar no tempo para ir lá causar briga. Porque, assim, as mulheres realmente elas sempre foram excluídas, sempre a dificuldade de serem respeitadas, entendeu? Como artesões... não eram reconhecidas como artesãs, a glória ficava toda para o marido, né, ou não tinha nem assim um elogio, porque era feito por mulher, né. Então, assim, mas eu peguei um tempo mais fácil, porque eu já entrei assim, já nessa... o que é tão falado, né, assim, do reconhecimento, de igualdade, então assim, eu nunca passei por nenhuma situação que me fizesse tomar raiva de um lugar ou de uma pessoa, ou

de ter sido maltratada. Sinceramente, eu não tenho o que reclamar, mas eu sei que minha mãe vivenciou muita dificuldade, principalmente antes dela casar. Antes dela casar, minha mãe, ela foi... o povo ria dela na feira, achava tudo que ela fazia ridículo. Era um trabalho diferente, e no início também, por exemplo, minha mãe criou e desenvolveu, tanto que ela tem até uma certa mágoa, mas porque todo mundo acha que quem criou e desenvolveu esse trabalho foi o meu padrasto. (Entrevistada 1).

A única entrevistada que relatou uma experiência negativa quanto às questões de gênero na ES alegou acreditar que a mulher ainda sofre preconceito em todos os espaços, inclusive dentro da economia solidária. Ela disse acreditar que o sistema está “todo contaminado” e “tudo precisa mudar”, principalmente para as mulheres mais velhas. Ela também mencionou que as mulheres que conseguem mais destaque são as que têm o marido ao lado.

Olha, infelizmente, a gente tem esse mesmo preconceito permeando. Talvez, entre os mais jovens, como você, sua colega, isso não se manifeste com tanta... nesses espaços, né, de economia solidária, com tanta veemência, mas as mulheres da minha geração, a situação ainda é difícil. Eu sei de casos, né, não é de uma nem duas, eu também vivi assim, apesar de estar nesses espaços, apenas algumas com os maridos faziam impactos nos movimentos. Infelizmente. (Entrevistada 7).

Outro ponto que vale ressaltar diz respeito às discussões sobre relações de gênero dentro da economia solidária. Ao serem perguntadas se já haviam participado de alguma formação sobre o assunto em fóruns ou outros espaços da economia solidária, todas elas responderam negativamente. A ausência ou escassez de discussões a respeito do assunto nesses espaços mostra que há um caminho de conscientização sobre o tema a se percorrer dentro da economia solidária. Como mencionado

na seção anterior, os princípios da economia solidária também tratam da importância de se criar um espaço para discussões políticas e sociais, buscando ampliar a formação sociopolítica de todos os envolvidos.

Com relação às dificuldades de ser mulher dentro da economia solidária, duas delas mencionaram a questão da dupla jornada e a dificuldade em conciliar o trabalho dentro de casa com o trabalho do empreendimento, o que corrobora com as questões já discutidas neste artigo. Elas trataram, em especial, as dificuldades em conciliar a produção e as vendas com a administração da casa e o cuidado dos filhos e netos.

I: E na sua opinião, quais são as principais dificuldades que as mulheres enfrentam nos empreendimentos solidários?

Principalmente a jornada dupla, né? A gente tem que cuidar da casa e ainda tem que sair para vender e produzir, né. Então essa é uma das grandes dificuldades sempre. Mas a gente dá conta. [risos] (Entrevistada 3)

R. É também, principalmente as mulheres, é você administrar a parte artesã da parte família, né? De avó, de ser dona de casa, de ser aquela pessoa ali e de tentar dar um exemplo para os filhos, para os netos que estão ali. Então eu acho que essa parte é uma parte bem difícil, principalmente essa relação mesmo de você administrar tudo isso e ainda produzir, né? (Entrevistada 5).

Por outro lado, duas das entrevistadas relataram que a transição para a economia solidária foi feita de modo a buscar maior qualidade de vida, devido à flexibilidade que o trabalho em um empreendimento solidário traz. Uma delas, que teve problemas de saúde, relatou não ter mais disposição para o trabalho formal, e que optou por esse “estilo de vida” para ter mais liberdade e mais tempo para o filho. A outra enfatizou prezar pela sua qualidade de vida e felicidade, e disse que seu empreendimento surgiu de um momento “deprê”, após algumas experiências negativas com o trabalho formal.

Eu optei por ter essa vida, porque eu tenho mais tempo com meu filho, que eu não tive quando ele nasceu. Eu tenho liberdade, por exemplo, se eu não estou passando bem eu tenho liberdade de não trabalhar, o que o shopping não aceita, né, o mercado formal não aceita, você tem que estar bem todos os dias. Então eu optei por essa profissão, porque eu consigo conciliar as coisas que eu quero para a minha vida. [...] Então o artesanato, esse estilo de vida, combina muito mais com a minha necessidade física, né. (Entrevistada 1)

Eu assim, eu prezo muito pela qualidade de vida, eu prezo muito a minha felicidade. Aí eu fiquei... eu falei assim, não, não quero fazer concurso público para de repente não dar certo. Aí eu tentei trabalhar, trabalhei até em uma empresa de comunicação e tudo, aí, não deu certo. [...] Eu tive um pequeno problema na vida que eu fiz uma sociedade com uma pessoa [...] a menina simplesmente me passou a perna. E aí eu levei aquele tombo total, assim, eu e meu marido assim... eu fiquei em uma depressão assim, profunda, de tudo, sabe? [...] E aí nesse estágio de ficar dentro de casa, de ficar deprimida com tudo e ficar pesquisando e buscando as coisas, aí eu por acaso... aí que começou [nome do empreendimento], foi de um momento meu deprê. (Entrevistada 2).

3.3. PERCEPÇÕES SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA SOBRE OS EMPREENDIMENTOS

O distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19 trouxe significativo impacto sobre os empreendimentos solidários. Todas as entrevistadas relataram declínio na renda devido à dificuldade de comercialização dos produtos com a ausência das feiras a partir de março de 2020. Esse impacto foi reduzido, em parte, pela comercialização via entregas e pelo deslocamento da produção para itens que tiveram aumento de demanda no período. Por exemplo, duas das participantes relataram que

passaram a produzir máscaras, o que de certa forma “segurou” a renda no início, mesmo este não sendo o produto principal do empreendimento.

A gente... assim, no início caiu muito, aí depois que consegui estruturar melhor essa questão da entrega, dos envios, a gente deu uma estabilizada, mas ainda não é como a venda presencial, então assim, por exemplo, a gente tem meses que vende muito bem que a gente já tem umas feiras que a gente costuma participar, novembro, dezembro, tem umas feiras anuais que a gente costuma fazer e que não tiveram ao passado (Entrevistada 1).

Muitas outras pessoas da economia solidária, com certeza desviaram um pouco daquele foco do empreendimento delas, aquilo que elas faziam, elas faziam bordado? Faziam. Elas faziam pano de prato? Faziam. Só que elas passaram a fazer máscara. Você entendeu? Foi o que muita gente da economia solidária, ajudou. As máscaras para fazer para vender na internet. Alguns apoiadores da economia solidária conseguiram algumas remessas de máscaras, roupas de camas para hospital, sabe? Essas coisas assim. E todo mundo nessa pandemia até hoje, muita gente está... sobrevivendo. Essa é a palavra. (Entrevistada 5).

Uai, as vendas estão todas paradas, né. Agora que está começando a voltar. Eu coloquei o Whatsapp comercial, mas assim, encomenda, encomenda, eles foram encomendando mais é máscara, por enquanto. Eu fugi bem fora do que eu faço normalmente. (Entrevistada 4).

Além disso, quatro das entrevistadas receberam o auxílio emergencial no ano de 2020, bem como outros membros da família. As que não receberam o auxílio justificaram pela relevância da remuneração dos maridos na renda domiciliar.

Eu estou vivendo do auxílio, que acabou, né, agora não tem mais. O que estava entrando na minha renda era só o auxílio. (Entrevistada 3).

Você sabe que aluguel, essas coisas que você paga, se você deixa de pagar vira uma bola de neve. E então caiu do céu um auxílio emergencial do governo. E eu fiz no desespero, também fiz o CAD Único, me cadastrei no CAD Único. [...] Então o auxílio emergencial chegou em uma boa hora, aí a gente foi organizando as coisas, colocando as coisas em ordem. (Entrevistada 5).

Eu passei a receber menos do que eu recebia, mas eu não busquei o auxílio porque como o meu ex marido ele tem estabilidade, eu não achei que eu deveria buscar esse auxílio, né. Eu não busquei não. (Entrevistada 7).

Como já mencionado, a dificuldade com a comercialização dos produtos devido à ausência das feiras foi bastante mencionada pelas participantes. Apesar de algumas delas terem conseguido se inserir nos meios digitais como o Facebook e o Instagram, fazendo entregas e passando a inclusive vender para fora de Belo Horizonte, outras relataram dificuldades com a venda online. Outra questão colocada foi a “saída” de certos tipos de produtos durante o distanciamento social. Por exemplo, uma das entrevistadas, que vendia bijuterias, reportou que, com a falta de eventos sociais, ficou inviável vender seu produto.

Então, antes da pandemia, ela era 100% em feira, né, a gente não tem loja física, não tem site, as redes sociais eram um jeito só de divulgar as nossas feiras, né, eu postava lá a foto, mas raramente fazia alguma venda pelas redes sociais, era muito raro. Aí, suspendeu as feiras no início da pandemia, né, a gente ficou assim... sem chão. Primeiro mês que foi o mês de março, a gente ficou assim, nossa, e agora? Porque o trabalho do meu marido também estava suspenso, então a

gente tinha assim, cinco pessoas sem trabalho. Aí o primeiro mês eu fiquei em estado de choque, não fiz nada e aí no segundo mês eu falei, não, que era... veio abril, aí eu comecei a movimentar, tirar mais fotos, publicar, e tal, e comecei a ter um retorno pequeno, mas já começou de cara a ter retorno, porque teve uma divulgação muito grande de apoiar o pequeno empreendimento, e as pessoas desde o início abraçaram isso, e aí foi legal para gente porque a gente tinha um número grande de seguidores que tinham essa visão, que o pequeno empreendimento precisava sobreviver. (Entrevistada 1).

É uma fase... está sendo uma fase muito difícil para os empreendimentos, né. [...]. E aí o que acontece, as vendas já não estavam tão boas, aí chegou o início do ano de 2020, que normalmente não tem nada, aí começa a dificuldade, porque início de ano não tem evento normalmente, não tem feira, e mesma que tenha não tem movimento porque é época das taxas, paga isso, paga aquilo, escola, período escolar... então o movimento cai muito nas feiras, e logo em seguida veio a pandemia, aí a coisa desandou. Desandou principalmente para as pessoas da economia solidária, que não sei se você sabe, tem muitas pessoas idosas sabe, com mais idade do que eu, que não tem condições de usar uma internet, não sabe usar a internet, não tem conhecimento, não tem habilidade. E mesmo gente como eu, que tenho habilidade, eu estou bem afastada em termos de negócios, né, das minhas redes sociais. [...] Eu tenho bijuteria para vender, tentei vender no início da pandemia e não rolou, porque meus produtos eram muito específicos. Pessoal compra muito para ir para show, para ir para samba, e não tinha nada disso. (Entrevistada 5).

Está todo mundo meio parado... o que aconteceu, todo mundo ficou empurrando com a barriga a história do trabalhar na internet, agora nós temos que trabalhar, estamos aí fazendo curso e tentando

de todo jeito porque feira tão cedo não vai voltar a ter feira do jeito que era. [...] Então nós temos que ir para a internet, Instagram, então nós estamos fazendo vários movimentos para trabalhar essa feira online, entendeu? Então a gente já está começando a discutir isso para a gente começar pequenininho, para ir crescendo, porque para você... até você chegar, colocar um produto para vender no Instagram ou na internet, nós temos que trabalhar isso, então pouca gente dentro da economia solidária tem facilidade em lidar com isso, então isso nós estamos trabalhando para começar a fazer isso agora. (Entrevistada 3).

3.4. PERCEPÇÕES SOBRE OS EFEITOS DO DISTANCIAMENTO SOCIAL NAS VIDAS DAS MULHERES

Conforme discutido anteriormente, a situação de distanciamento social causada pela pandemia tende a acentuar as desigualdades de gênero. Isso porque o estresse do convívio familiar 24 horas por dia, bem como o acúmulo de tarefas domésticas, acaba recaindo sobre as mulheres. Através dos relatos das participantes, é possível encontrar argumentos que corroboram essa hipótese. Das sete entrevistadas, cinco relataram um aumento de tarefas domésticas, que recaiu, principalmente, sobre as mulheres da casa. Uma delas, apenas, alegou ter “ajuda” do marido na divisão dessas tarefas, e disse que considera seu casamento “moderno” por isso, enquanto outra relatou que, nesse contexto, a sobrecarga recaiu sobre a mãe.

Meu filho, ele está tendo aula virtual, então agora, assim, acabou as férias hoje, ele retorna, então já começa a maior dificuldade, mas ele teve, assim, o ano passado praticamente inteiro de aula virtual, mas eu consegui ir conciliando, né, auxiliava ele com as aulas, ia trabalhando ao mesmo tempo e a parte doméstica assim, serviços de casa, eu e meu marido sempre dividimos, então assim, ele que faz o almoço, né, que

é uma parte que eu não gosto, de mexer com comida, então ele que sempre fez mais a comida, ele trabalha a tarde então é mais fácil que de manhã ele tem essa disponibilidade... as questões do nosso filho também a gente divide, é quem está podendo fazer na hora, então assim, isso aqui em casa até que a organização já está em um nível “moderno” [risos], porque meu marido auxilia muito. (Entrevistada 1)

Ah, teve, para minha mãe ela sentiu mais. Porque primeiro ela... como meu pai trabalhava na faculdade, às vezes não precisava ir almoçar, meu irmão também não vinha almoçar, né, e a gente saía para as feiras, então a gente não cozinhava muito. E aí com a pandemia, cozinhar todo dia, né? Então isso sobrecarregou assim essa questão. E também todo mundo em casa suja mais a casa, né? Então é muito mais... muito mais coisas a se fazer assim. E aí acaba que sobrecarregou muito mais a minha mãe assim. E além de não ter essa distração, porque ela ia para a feira e distraía, né? Então ficava muito aqui só naqueles mesmos afazeres assim. (Entrevistada 6).

Uma delas, que chegou a se separar durante a pandemia, mencionou que a divisão de tarefas, que já não era justa, tornou-se ainda pior no período. Outra entrevistada relatou que foi sempre ela quem resolveu todas as questões de casa, o que se manteve da mesma forma com o distanciamento social, e chegou a se intitular como “piloto oficial” da cozinha da casa.

I: E ocorreu alguma mudança na sua vida domiciliar depois da pandemia? Em relação a tarefa doméstica, você sente que isso aumentou ou diminuiu?

Aumentou, com certeza aumentou muito, muito.

I: A divisão entre as pessoas...

A divisão não era justa, né, não era, só eu mesma quem fazia. Eu trabalhei muito, muito, muito. (Entrevistada 7)

Divisão de tarefas sempre foi muito difícil. Mas assim,

a gente pega no pé da galera aqui, né? Quando o meu filho estava com a gente lá no início da pandemia, você que tinha que ficar cobrando, arruma seu quarto, as coisas básicas, mas eu sempre... mesmo quando o meu marido era vivo, a parte da administração da casa, as coisas, é... o resolver as coisas, problemas, que seja “ah, tem um problema na conta de luz, eu tenho problema na internet, eu tenho um problema no aluguel, eu tenho um problema aqui...”, sempre fui eu que resolvi, entendeu? A cozinha, o fogão, eu sou piloto oficial, você entendeu? Então, é... não mudou muito. (Entrevistada 5).

As mulheres casadas parecem ter sentido mais os efeitos negativos do distanciamento social sobre as relações familiares, pelo estresse de estar dentro de casa muitas horas ao dia e pelo contexto geral de insegurança diante da pandemia. Apenas uma das entrevistadas tinha um filho de pouca idade, e comentou “perder mais a paciência com ele também”, inclusive devido à questão das aulas online. Sobre este ponto, ela comentou “não ter sido treinada para ser professora”. A entrevistada disse observar a mesma situação ocorrer com as amigas, e comentou que “nessa pandemia está todo mundo querendo se separar”.

Aumentou demais, sem comentários. A vontade de matar é um dia sim e o outro também. [risos] Se alguém vem me falar que não tem isso em casa eu vou achar que eu tenho um problema. Porque é muito difícil... até em relação por exemplo, meu filho, que é filho, eu já perco muito mais a paciência que eu perdia antes, não tem condições, né, de você estar ali, é aula, que a gente deixa por aqui, que eu não fui treinada para ser professora. Aí as questões assim de ter que falar o tempo inteiro para não correr, gritar pela casa, os horários ficaram diferentes, meu filho hoje acorda mais tarde e dorme mais tarde... então tudo mudou. Então vou te falar assim, a convivência é difícil, já quis divorciar várias vezes [risos]. Porque a gente está nervoso, em quem a gente vai descontar? Em quem está do nosso lado. Então assim, vou te falar que eu

acho que isso é normal, eu quero acreditar. Porque realmente a convivência durante a pandemia, né, todo mundo está com o emocional muito abalado, né. A gente tem medo, vê o tempo todo as pessoas que a gente gosta adoecendo, algumas não sobrevivem, né, a gente tem medo de mudanças, o governo que, né, poderia fazer coisas e não faz porque não quer. Então assim, tem muitas questões envolvidas e aí a gente fica assim, né, sensível para outras questões, tipo assim, com o emocional abalado, qualquer coisa a gente já está com ódio, quer briga, né? Normal [risos]. Tanto que até falei com uma amiga que também a mesma coisa, estava querendo separar, falei “amiga, mas em plena pandemia, todo mundo está querendo separar, quem que quer ficar casado?” [risos]. (Entrevistada 1).

A entrevistada que chegou a se separar durante o distanciamento social comentou que uma convivência que já não era boa tornou-se pior quando o marido passou a trabalhar em regime *home office*.

Uma convivência que já não era boa piorou, porque você teve que ter muito contato. Intensificou, né, o contato foi intensificado, então aquele contato que não era bom, tornou-se mais desgastante, porque o tempo todo dentro de casa, né. (Entrevistada 7).

Outro desafio enfrentado pelas mulheres durante a pandemia foi com relação à saúde mental e ao desgaste trazido pelo distanciamento social. Ao serem questionadas se as mulheres sentiram mais os efeitos da pandemia que os homens, todas as sete entrevistadas responderam que sim. Os principais pontos que surgiram diante desse questionamento foram o desgaste psicológico e a ansiedade de estar em casa, além da sobrecarga com os filhos e as tarefas domésticas.

Eu vi minha mãe reclamando várias vezes, dessa questão de já estar muito cansada de estar em casa, fazendo as mesmas coisas, e que ela estava sentindo

que não estava dando conta, e aí às vezes a gente via se dava uma volta de carro, pelo menos uma volta de carro e tal, coisas assim. (Entrevistada 6).

Eu fui uma pessoa que nessa pandemia eu desanimei assim geral, geral mesmo, de literalmente não fazer nada, de ficar deitada no sofá, de ficar assistindo televisão, e de repente eu falei “gente, eu não sou assim, eu não posso ficar assim”. [...] Hoje, graças a Deus, eu posso falar que eu estou rica. [risos] Estou sadia, estou saudável, e tenho força para voltar a trabalhar, quero voltar a trabalhar, e continuo trabalhando, sabe, fazendo alguma coisa para ocupar a cabeça, porque se você deixar a pandemia bater igual eu deixei, chorar todo dia, chorar toda hora à toa, do nada, quase todo dia na depressão... então eu não posso. Mas hoje em dia eu ainda choro bastante, eu fico igual à música do... como ele chama? Esqueci o nome dele lá. Que ele fala assim, que “ando tão à flor da pele que qualquer beijo de novela me faz chorar”. (Entrevistada 5).

Já a entrevistada 1 deu o exemplo de suas amigas para ilustrar o sentimento de que as mulheres foram mais afetadas pela pandemia, e comentou que os maridos não ajudam nem com as tarefas de casa, e nem com os filhos, aproveitando os momentos em que não estão trabalhando para o próprio lazer:

Porque assim, aqui em casa é muito bem dividido, mas nas casas das outras, por exemplo, da escola que eu conversei muito, tudo está nas costas da mulher. Tipo assim, eu tenho uma amiga que o filho não consegue assistir aula, porque ela fica trabalhando o dia inteiro, ela não consegue auxiliar e o marido não ajuda, o marido vai jogar videogame, na folga dele ele vai jogar. Eu falei “não, pelo amor de deus, esse aí merece divórcio mesmo”. Mas assim, tem questões que assim... a mulher, ela está muito sobrecarregada, né. [...] E quem sai mais prejudicado além da mulher é o próprio filho, né, porque às vezes ele está ali jogando

as responsabilidades todas para a esposa, né, e sendo que quem está tendo menos atenção, né, menos apoio ali é a própria criança. Então assim, isso infelizmente é uma realidade muito clara, eu vejo assim, acho que se eu tiver duas amigas que tem uma separação assim, em casa, igual eu tenho, né, de uma boa organização em relação ao marido para o filho e para o serviço doméstico, se eu tiver duas amigas é muito. O resto todo leva ferro. (Entrevistada 1).

Também foi abordada a questão dos maridos que perderam o emprego durante a pandemia, o que criou ainda mais desgaste no casamento, conforme relato da entrevistada 5. Apesar de não ter passado por essa situação, ela comenta que o convívio com o homem em casa é “sempre complicado”, que as mulheres são sempre as mais afetadas em qualquer situação e que a convivência intensa pode trazer à tona um lado mais agressivo das pessoas de modo geral.

Eu acho que as mulheres estão bem afetadas com essa pandemia, muito mais que os homens, e assim, no geral, a gente vê que a convivência também, o prejuízo também da mulher, no geral, com essa pandemia, foi físico e psicológico. Porque enquanto ele estava trabalhando, você estava cuidando da casa, vocês conviviam, vamos dizer, menos tempo, mais à noite e fim de semana. E quando você passa a conviver com o homem, eu falo por mim mesma na época, homem dentro de casa é triste, né? Você entendeu. É triste. É terrível. E nessa pandemia, a coisa ficou muito mais difícil, eu acho que principalmente também se esse homem por alguma causa perdeu o emprego, o fato dele ser o provedor e ele ficou sem essa renda, para ele foi difícil como homem não ter essa renda para contribuir em casa, tem que ficar procurando um bico, uma coisa ou outra. [...] De qualquer forma, a mulher sempre é mais impactada com as coisas, você vê isso aí em todas as relações que a gente vê em reportagem, regressões que aconteceram nessa

pandemia, a convivência das pessoas dentro de casa faz despertar uma outra parte, não é que a pessoa muda, sabe, eu acho que parece que sai de dentro dela aquele monstro. Eu não falo só do homem não, da mulher também, mas a mulher, mesmo que ela seja um pouco agressiva, ela não chega ao ponto de que a gente tem visto e os homens andam fazendo... sabe, então acho que elas, nós mulheres fomos, né, eu falo nós mesmo não tendo marido, mas nós mulheres a gente sempre é solidária, né, umas com as outras. (Entrevistada 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, avaliou-se a situação das mulheres envolvidas em empreendimentos solidários durante a pandemia de COVID-19. A pesquisa, de caráter exploratório, baseia-se na hipótese, levantada na literatura, de que as mulheres tiveram suas relações de trabalho e gênero alteradas devido ao distanciamento social. Investigou-se se essa hipótese permanecia válida para as mulheres ligadas ao movimento da economia solidária em Belo Horizonte, uma vez que os princípios da ES passam pela igualdade, conscientização política e emancipação e apontam para a possibilidade de superação das desigualdades de gênero e posições hierárquicas entre homens e mulheres..

Os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas junto a 7 mulheres permitem sustentar a hipótese no contexto da pesquisa. Foram relatados, principalmente: i) a queda da renda das mulheres, pela ausência das feiras e vendas presenciais, sendo que muitas delas precisaram recorrer ao auxílio emergencial; ii) o aumento da sobrecarga de tarefas domésticas e cuidado com os filhos, assumidos quase que exclusivamente pelas mulheres; iii) a perda de qualidade das relações familiares, principalmente com os maridos; e iv) os prejuízos à saúde mental dessas mulheres, diante dos pontos levantados anteriormente. Traçando uma relação com a literatura, pode-se dizer que as estruturas familiares perpetuadas pelo capitalismo, que atribui à mulher o papel de reprodução e trabalho doméstico, de modo geral, ainda são reproduzidas nos lares dessas mulheres, o que se

intensificou durante o distanciamento social.

Dentre as percepções das entrevistadas, ressalta-se aquela relacionada à escassez de discussões ou formações sobre questões de gênero dentro do movimento de economia solidária em Belo Horizonte. Como evidenciado na literatura, é principalmente no trabalho formativo e nas discussões coletivas que se localiza a força transformadora da ES. Desse modo, sugerem-se estudos futuros que investiguem a relevância dos debates sobre gênero dentro do movimento da economia solidária. Além disso, cabe discutir os efeitos dessas discussões sobre as relações familiares das mulheres produtoras.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2002.

BASÍLIO, Ana Tereza. **A pandemia e a violência doméstica**. Jornal do Brasil. 07 de agosto de 2020. Disponível em: <[https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/08/1025034-a-pandemia-e-a-violencia-domesti ca.html](https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/08/1025034-a-pandemia-e-a-violencia-domesti-ca.html)>. Acesso em: 13 de setembro de 2020.

BEZERRA, Catarina Fernandes Macêdo; VIDAL, Eglídia Carla Figueiredo; ERNTOPF, Marta Regina; LIMA JÚNIOR, Carlos Mendes de; ALVES, Maria Nizete Tavares. Violência contra as mulheres na pandemia do COVID-19: um estudo sobre casos durante o período de quarentena no Brasil. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.14, n. 51, p. 474-485, jul. 2020.

CARRASCO, Cristina. Sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?. In: FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam (Orgs.). **A produção do viver: ensaios de economia feminista**. São Paulo: SOF, 2003, p. 11-49.

CARRASCO, Cristina. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam. (Orgs.). **Cadernos Sempre viva**.

A produção do viver. São Paulo, n. 8, p. 11-43, dez. 2003.

CHERFEM, Carolina O. A economia solidária e as desigualdades de gênero e raça: avanços e contradições. In: **Anais Do V Simpósio Desigualdades, Direitos E Políticas Públicas & I Conferência Riless-Emes**. Edição: Casa Leiria, São Leopoldo, p. 1027-1040, 2017.

CLEPS, Geisa; MARQUES, Lidiane; VASCONCELOS, Andrea. Reflexões sobre o papel das mulheres na economia solidária. **Extensão**, Uberlândia, Ed. especial, p. 53-63, maio de 2020.

CULTI, Maria Nezilda. Mulheres na Economia Solidária. In: Congresso Eu-ropeo Ceisal De Larinoamericanistas, 4, Bratislava, República Eslovaca, **Anais...**, , p.:1-22, 2004.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**. Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2019.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.

HILLENKAMP, Isabelle; GUÉRIN, Isabelle; VERSCHUUR, Christine. Cruzando os Caminhos da Economia Solidária e do Feminismo: Passos para uma convergência necessária. **Revista Economía**, v. 69, n. 109, dossier: La Economía Social y Solidaria. Contribuciones a su conceptualización, mai. 2017, p. 43-60.

HIRATA, Helena, KERGOAT, Danièle. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

LE MOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, FGV EAESP, v. 60, n. 6, São Paulo, nov/dez 2020, p. 388-399.

LIMA, Márcia. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: ABDAL, Alexandre *et al.* **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. Sesc São Paulo/CEBRAP, São Paulo, 2016, p. 24-41.

NOBRE, Miriam. 2002. Introdução à economia feminista. In: NOBRE,

Miriam; FARIA, Nalu (Orgs.), **Economia Feminista**. São Paulo: SOF, 2002, p 1-4.

PAIVA, Camila C. **As relíquias do lixo: Mulheres catadoras e o engenhoso trabalho de cooperar e resistir**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2017.

RODRIGUES, Alex. **Ligue 180 registra aumento de 36% em casos de violência contra mulher**. Agência Brasil, Brasília, mai. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/ligue-180-registra-aumento-de-36-em-casos-de-violencia-contra-mulher>>. Acesso em: 20/01/2021.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1o ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004 [1976].

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Graciete. Economia Solidária e Feminista: um encontro possível. **Cadernos Feministas de Economia e Política**, n. 5, p. 69-90, 2010.

SIMON, Vanessa P; BOEIRA, Sérgio L. Economia social e solidária e empoderamento feminino. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, set/dez. 2017, p. 532-542.

SIMON, Vanessa P. Economia feminista, economia social e solidária, paradigma paraeconômico: Repensando o paradigma hegemônico e a importância das mulheres. **Textos de Economia**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 23, n. 1, jan./jul. 2020, p. 1-29.